



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

**FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA: AMPLIAÇÃO CULTURAL DO ACERVO DE PRÁTICAS CORPORAIS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Alexandre Flores dos Anjos  
Elisa Barcelos Silva  
Ueberson Ribeiro Almeida

**Resumo**

Apresenta e discute a elaboração de um processo de formação continuada em Educação Física no ambiente escolar produzido pelos professores dessa disciplina curricular e por um pesquisador da universidade. Compartilhou-se saberes/fazeres por meio de Oficinas nas quais o grupo experimentou algumas práticas corporais. Tal processo formativo possibilitou aos docentes trocar experiências, ampliar seus repertórios de práticas da Cultura Corporal e a produzir novos saberes que contribuíram nas suas práticas pedagógicas. A experiência de formação na escola por meio das práticas corporais traz subsídios para reflexões do cotidiano escolar e para os movimentos formativos que emergem neste espaço.

Palavras-chave: Formação. Escola. Práticas Corporais.

**A criação do grupo de formação na escola**

*Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento (FREIRE, 1996, p.50).*

A ideia do inacabamento humano apresentada por Paulo Freire nos ajuda a compreender a emergência da “Formação continuada na escola” por meio de oficinas, pensada por nós, professores de Educação Física (EF) da Escola Jorge Amado<sup>1</sup> (EMEF Jorge Amado) no ano de 2011. Por nos considerarmos seres “inacabados” e, portanto, não totalizados, refletimos e elaboramos um processo de formação no ambiente escolar na própria escola onde trabalhamos com o intuito de problematizar e ampliar nossos repertórios culturais acerca dos conteúdos da Cultura Corporal de Movimento. Acreditamos num currículo vivo, no poder revolucionário do conhecimento na transformação da sociedade e, que, por meio do compartilhamento das experiências profissionais poderemos (re)escrever positivamente o enredo do nosso cotidiano. Assim, por acreditarmos nesse currículo vivo, entendemos ser de suma importância o Curso de

---

<sup>1</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental da Rede de Serra-ES. Na intenção de atribuir visibilidade aos sujeitos tanto a instituição como os docentes não optaram pelo anonimato



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Formação Continuada fornecido pela Prefeitura Municipal de Serra, que até o ano de 2010 atendia, de certa forma, nossa demanda profissional.

Na Formação continuada de Serra, havia a preocupação de uma articulação da formação com as vivências dos profissionais da área de EF, surgindo assim, além de discussões acerca do cotidiano escolar, embasamentos teóricos que estruturavam essas vivências. Tal política de formação (inclusive que elaborou as diretrizes para a EF do município) contou com a colaboração coletiva do grupo de professores efetivos e contratados do município, tendo uma preocupação de ser uma formação horizontal na qual todos foram sujeitos do conhecimento. Em 2011, houve um rompimento na estrutura da formação em razão da troca dos coordenadores, o que gerou uma “nova roupagem”, um outro sentido de formar que distanciou os professores e suas demandas da formação. Vale dizer que esse processo não ocorreu sem embates e lutas, mas o que prevaleceu foi um modelo de formação no qual experiências docentes deixaram de ser o foco, o espaço de formação se distanciou da proposta construída em anos anteriores, não se conectando a vida e aos problemas enfrentados por nós nas escolas.

Contrários ao modelo de formação continuada vigente naquele momento da Rede-Serra, decidimos continuar o processo de aprendizagem por meio das vivências corporais e discussões acerca do dia a dia escolar, o que nos possibilitou criar um ciclo de formação interna que interferiu diretamente na nossa prática pedagógica. A inspiração para essa empreitada está conectada à nossa participação naquele primeiro momento da Formação oferecido pela Rede, o que nos afetou a compreender a formação como processo contínuo de aprendizagem sobre os problemas que emergem das práticas, como uma aprendizagem sobre nós mesmos, que nunca se esgota, que nunca tem um ponto final. Experiências como essa “[...] constituem-se com circuitos de vida e que, portanto, não emergem em redomas de vidro; não crescem isoladas de tecidos históricos, de ações coletivas e individuais” (LINHARES, 2002, p. 118). Isso nos indica que estes movimentos que emergem no coração do trabalho escolar “[...] alimentam-se de trânsitos incessantes de religação entre passado e futuro, entre diferentes esferas de atuação humana, entre afetos e produções de linguagens, saberes e conhecimentos materializados nos intercâmbios produzidos pela vida” (Idem).

Formamos um grupo constituído por um professor e duas professoras<sup>2</sup> de Educação Física pertencentes à unidade de ensino e um pesquisador da universidade<sup>3</sup>, todos estudaram na mesma instituição de ensino (UFES), passaram pelo mesmo currículo e se formaram na mesma década (década de 2000). A experiência de formação continuada na escola ocorre na EMEF Jorge Amado, onde trabalhamos no turno matutino e lecionamos Educação Física para turmas de séries iniciais do ensino fundamental.

No que se refere aos sujeitos envolvidos na experiência formativa em relato, a professora Elisa cursou a licenciatura plena no Centro de Educação Física e Desportos

---

<sup>2</sup> Uma das professoras preferiu não assinar como autora do artigo devido ao término do seu contrato de Designação Temporária durante o período da realização das Oficinas.

<sup>3</sup> O pesquisador da universidade é professor de EF e aluno do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFES.



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

da UFES (CEFD/UFES), onde também participou como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). Formou-se em 2003, desde então trabalha na área da educação física escolar, primeiramente em escolas particulares e a partir de 2007 na rede pública como docente em cargo efetivo. Já trabalhou na área da saúde em módulos de atividade física e posto de saúde, onde desenvolveu o Projeto P.E.S.O. Trabalha atualmente na área de EF escolar, tendo dois postos de trabalho, um em Serra e o outro na Rede municipal de Vitória. Está na escola Jorge Amado desde 2009.

O professor Alexandre cursou EF no CEFD/UFES e se formou em 2002, acumulou experiências de trabalho em diversas áreas da EF: Educador Social, Professor em escolinhas de esportes, professor de musculação, de capoeira e de EF escolar. Algumas dessas experiências foram vivenciadas na rede privada de ensino, outras na rede pública e no terceiro setor. É professor com cargo efetivo desde 2009 na Rede Municipal de Serra, trabalha atualmente na EMEF Jorge Amado, onde chegou em 2011.

O professor pesquisador da universidade que participa do grupo cursou a graduação e o mestrado no CEFD/UFES, finalizou a graduação em 2005 e defendeu o mestrado em 2008. Atuou (desde 2001) como professor de EF escolar nas redes públicas estadual e municipal da Grande Vitória-ES. Também trabalhou como Educador Social, preparador de equipes para jogos escolares, prof. de musculação, prof. universitário. Atualmente é aluno do Curso de Doutorado em Educação da UFES.

#### **A proposta da formação**

Na escola, os horários de planejamento individual às segundas-feiras, tornaram-se, muitas vezes, ociosos. Buscamos preencher essa lacuna valendo-se do intercâmbio entre os saberes trazidos por cada docente de EF. Somos docentes que trabalhamos literalmente juntos, lecionamos quase sempre para as mesmas turmas nos mesmos horários, compartilhamos os mesmos espaços escolares. Assim, percebemos, por meio das trocas de experiências durante as aulas, que tínhamos muito a aprender um com o outro. Então pensamos que, além do planejamento coletivo das aulas, poderíamos, por meio de oficinas, ampliar nossos conhecimentos sobre as práticas e/ou conteúdos da EF escolar e, com isso, enriquecer nosso repertório de práticas da cultura corporal.

Compartilhar Saberes/Fazer e se transformar com eles significa a busca da ampliação da nossa formação profissional, do nosso poder de agir e, com efeito, também ampliar a diversidade de conteúdos da Cultura Corporal a ser ensinada aos alunos.

Nesse sentido, estruturamos a “formação” em oficinas de aprendizagem. Apostamos nas oficinas como espaços de criação, expressão, transformação, humanização, experimentação, socialização e de polifonia. Oficina como dispositivo, como possibilidade de deslocamento subjetivo, como “máquinas de fazer ver e fazer falar” (Deleuze, 1990), que em sua montagem e vivência forjam multiplicidades, diferenças, aciona modos de funcionamento, produzindo efeitos narrativos e ético-estéticos.

#### **Operacionalização das oficinas**



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

As oficinas ocorreram de 8h às 10h às segundas-feiras durante o horário de planejamento. Ministramos as oficinas sobre conteúdos que dominávamos em um sistema de compartilhamento e troca de experiências, agindo como multiplicadores e facilitadores de progressões pedagógicas, mostrando formas de explorar ao máximo os temas abordados. Algumas oficinas foram construídas e ministradas por um responsável e outras foram produzidas e ministradas em conjunto, envolvendo a contribuição direta de todos os participantes. Além disso, para temas de oficinas que fossem muito específicos, abrimos a possibilidade de convidar outros professores e/ou até mesmo mestres da cultura popular.

A dinâmica das oficinas se traduziu em encontros para discussão do conteúdo a ser vivenciado. Nesses encontros emergiam algumas tensões em relação à questão teoria *versus* prática e aos modos de ensinar um conteúdo em uma instituição singular como a escola. Pra quê vivenciar tal conteúdo? O que faremos com o conhecimento sobre tal prática? Necessitamos buscar ancoragem em algum texto, em alguma teoria pedagógica que nos auxilie a pensar sobre as nossas práticas? Com base em quais critérios faremos a avaliação das oficinas?

Essas questões nos levaram a não seguir um único modelo previamente determinado, cada professor responsável pela condução da formação a organizava de acordo com as singularidades com as quais pensava o trato didático-pedagógico do conteúdo. Não obstante, durante as vivências, todos faziam intervenções, davam dicas, chamavam a atenção para detalhes sobre o trato do conteúdo. A troca de materiais sobre os conteúdos também foi importante elemento que ampliou nosso acervo de estratégias didáticas. Livros, sites, revistas, textos, vídeos foram trazidos e compartilhados por todos. Ao final, avaliávamos a vivência em sua forma e conteúdo. Embora, um professor conduzisse a Oficina, a responsabilidade pela aprendizagem era de todos os envolvidos.

Em um momento de avaliação, um dos professores sugeriu que incluíssemos alguns alunos nas oficinas, com a hipótese de que a transposição didática do conteúdo com as crianças pudessem trazer novos problemas que nós, os adultos, não conseguíamos produzir. O envolvimento das crianças enriqueceu as oficinas e gerou a expectativa por parte delas acerca do aprendizado daqueles conteúdos nas aulas de EF.

Percebíamos que mudávamos a cada encontro de discussão e de vivência. Deparávamos com nossas experiências e com as (in)experiências. O outro nos enriquecia com seus saberes diferentes, mas também nos “perturbava” e nos convidava a sairmos de nós mesmos, a pensar de outros modos. Vale dizer que em algumas vezes a discussão tanto do planejamento quanto das vivências das oficinas foi tensa e calorosa, contudo, fraterna a ponto de nos permitir ir construindo um “comum” sob os pilares da confiança. Desse modo, por meio das oficinas, inventamos modos diferentes de ensinar a construção de brinquedos, brincadeiras, capoeira e ginástica geral. Inventamos modos diferentes de intervir. Aprendemos também que compartilhar não é oferecer algo pronto ao outro, um saber, uma técnica, mas é “entrar em relação com” e produzir mudanças que ampliam a vida com aquilo que outro traz, com a diferença.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

No intuito de “compartilhar” as oficinas com a comunidade, trazemos<sup>4</sup> abaixo um breve esboço das diferentes estruturas que algumas delas apresentaram. Esperamos que esta experiência não seja aplicada em lugar nenhum, mas que possa se juntar a tantos outros movimentos formativos que lutam por uma escola potente, que rompem com a ideia de que a escola pública é sinônimo de precariedade, professores desinteressados e mal qualificados.

**Oficina de pipas**

**Primeiro momento:** Apresentação teórica do conteúdo, curiosidades e relatos de experiência;

**Segundo momento:** construção de pipas com folhas de papel;

**Terceiro momento:** experimentação das pipas;

**Quarto momento:** roda de diálogo e avaliação.



Foto 1: construção de pipas de papel

**Oficina de capoeira - 1º Encontro**

**Primeiro momento:** relato da experiência do professor e análise das possibilidades a serem exploradas

**Segundo momento:** brincadeiras relacionadas à capoeira;

**Terceiro momento:** fundamentos básicos da capoeira;

**Quarto momento:** roda de diálogo e avaliação.

Durante a avaliação julgamos ser necessário mais um encontro devido à empolgação que tomou conta dos professores com as possibilidades de utilização nas suas práticas.

**2º Encontro**

**Primeiro momento:** Conversa sobre o primeiro encontro e breve discussão sobre quais estratégias utilizar neste novo encontro. Optamos por trabalhar fundamentos coreográficos da capoeira e sequências pedagógicas.

**Segundo momento:** Vivência prática e compartilhamento de experiências

**Terceiro momento:** Histórico da capoeira; roda de diálogo e avaliação.

---

<sup>4</sup> Por falta de espaço não será possível trazer o esboço da oficina de Ginástica Geral. Contudo, discutiremos a mesma na apresentação do trabalho.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**



**Foto 2:** Aprendizagem da ginga da capoeira

**Oficina de jogos e brincadeiras infantis**

**Primeiro momento:** Explanção acerca da importância do brincar na concepção de Elenor Kunz;

**Segundo momento:** Vivência das brincadeiras e discussão sobre várias formas de serem ensinadas. Alguns alunos da escola participaram das oficinas.

**Terceiro momento:** Roda de diálogo e avaliação.



**Foto 3:** Vivenciando brincadeira

Por fim, desejamos uma formação ampla, que nos transforme, formação-vida, que esteja também ligada aos diversos problemas que necessitamos resolver. Os problemas de aprendizagem dos alunos não são de modo algum só nossos. Todos os problemas da escola, dos mais simples aos mais complexos, encontram-se nas questões político-sociais mais amplas. Queremos nos formar, não por meio de “pacotes” a serem aplicados que nunca os são, mas por processos que nos sensibilizem a refletir sobre nossos inacabamentos, sobre nossa condição de lutar pela produção da história, pela nossa autonomia.

**Referências**

DELEUZE, G. Que é um dispositivo? In: FOUCAULT, M., **filósofo**. Barcelona:Gedisa, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. SP: Paz e Terra, 1996.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

LINHARES, C. De uma cultura de guerra para uma de paz e justiça social: movimentos instituintes em escolas públicas como processos de formação docente. In: \_\_\_\_.; LEAL, M. C.(Org.). **Formação de professores: uma crítica à razão e à política hegemônicas.** RJ: DP&A, 2002, p. 103-129.